

O podcast e a produção da narrativa jornalística: uma análise de *A Mulher da Casa Abandonada*¹

Daniela Ferreira PALMEIRA²

Raila Santos COSTA³

Samantha Leite Garcez GONÇALVES⁴

Mary WEINSTEIN⁵

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

RESUMO

O artigo mostra como o jornalismo pode se utilizar do *podcast*, uma mídia que aceita convergências. Como produzir grandes reportagens fazendo uso de recursos que agregam possibilidades técnicas e de veiculação, as quais podem contribuir para despertar a atenção e o interesse do ouvinte é do que trata o presente trabalho. O *podcast* está em crescente popularização e pelo teor informativo pode ser empregado pelo jornalismo, surgindo como uma alternativa para narrar notícias, com forte influência do rádio, e, ao mesmo tempo, dispondo de características particulares. Este trabalho faz uma análise da trajetória de publicação do *podcast A Mulher da Casa Abandonada*, da Folha de São Paulo, produzido em 2022.

PALAVRAS-CHAVE: *Podcast*; jornalismo; convergência; *A Mulher da Casa Abandonada*.

A Mulher da Casa Abandonada (2022) despertou interesse ao contar uma história real e inusitada, organizada em uma série de sete episódios, postados semanalmente, no período entre 1º de junho e 20 de julho de 2022, explorando recursos narrativos próprios do jornalismo, em formato de *podcast*. Foi uma reportagem sobre o caso Margarida Bonetti, que vive em uma mansão abandonada em um bairro da capital paulista. Bonetti é fugitiva do FBI, acusada de ter mantido uma mulher em regime de trabalho análogo à escravidão, nos Estados Unidos, por duas décadas. O presente trabalho busca descrever o *podcast* como mais um espaço para se contar histórias – e sobre como essa mídia se constitui, ao produzir jornalismo –, a partir do caso Bonetti.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UESB, email: danielapalmeira@hotmail.com.br

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UESB, email: santosraila1@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UESB, email: samanthalgoncalves@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UESB, email: mary.weinstein@uesb.edu.br

Escrito e apresentado pelo jornalista Chico Felitti, o *podcast A Mulher da Casa Abandonada* foi produzido pela Folha de São Paulo para ser veiculado pelos seus canais digitais, mais especificamente para o *site* e plataformas de áudio, diferenciando-se de outros formatos e conteúdos jornalísticos, até então mais habituais, de cunho estritamente factual, valendo-se de um espaço que pode ser ocupado com uma certa dose de criatividade aliada à dramaticidade, mas mantendo o compromisso com a veracidade, sem resvalar para o ficcional. Esse *podcast* sobre o qual tratamos foi o primeiro do *site* no formato de grande reportagem e com um texto que valoriza o caráter dramático da narrativa. Nela, o gancho está calçado na história do personagem central, que conseguiu fugir da polícia dos Estados Unidos.

A exemplo do modo como o veículo escolheu distribuir esse produto jornalístico, é possível perceber como os meios de comunicação se apropriaram da internet utilizando-se de múltiplas plataformas, afinando-se ao paradigma da convergência midiática (JENKINS, 2009). O público escolhe onde e qual a melhor forma de consumir os conteúdos dessas mídias, em busca de experiências. Para Jenkins, a convergência diz respeito ao “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (2009, p. 25). E é como “[...] uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (2009, p. 25).

O impacto nas diferentes formas de produzir e consumir conteúdo jornalístico também transformou as relações entre o público e a mídia. Assim, “a dialética entre o produto e seu público é reinventada, abrangendo novos tipos de demandas que se estabelecem por motivos diversos: desde curiosidade, passando por afinidade e chegando à fidelidade.” (FERNANDES; MUSSE, 2018, p. 3). O fazer jornalismo, portanto, precisou adaptar-se a plataformas diversas, procurando novas formas de contar histórias.

Em meio a essa nova realidade tecnológica, o *podcast* tem seu surgimento em 2004, como uma mídia sonora que permite a distribuição de informação em áudio por demanda, pela internet. Com grande apelo comunicativo, o *podcast* possibilita tratar de temas variados, de entretenimento a conteúdos mais objetivos, por meio de uma linguagem acessível e atrativa, utilizando-se de técnicas narrativas (BARBOSA, 2015) para conquistar os ouvintes.

Neste trabalho, percebemos sobre como essa mídia se constitui para produzir jornalismo narrativo, entendido como o ato de contar histórias utilizando-se de descrições, ambientações e mais atento a como as pessoas se expressam, oferecendo ao leitor uma perspectiva detalhada e mais próxima do fato e daquilo que o rodeia (SERELLE, 2020), e discutindo temas de interesse público, propiciando uma imersão nessas histórias, e uma reflexão sobre elas. Fizemos uma breve arqueologia para compreender o contexto de surgimento, ascensão e estrutura do *podcast*, baseada nos conceitos e pesquisas de Barbosa (2015) e Herschmann e Kischinhevsky (2008). Buscamos entender como o *podcast* pode se relacionar e assumir o fazer jornalístico de narrar histórias. A análise segue o percurso metodológico proposto por Lopez e Alves (2019) sobre *podcasts* narrativos seriados e busca identificar, dentro das categorias indicadas pelos autores, como o *podcast* se constitui em uma importante mídia para a produção de jornalismo narrativo (SODRÉ, 2009).

1. Narrativas jornalísticas em tempo de convergência

Benjamin (2000) discute sobre a importância da narrativa na formação de uma sociedade. É por meio dela que se torna possível compartilhar experiências, conhecimentos e memórias. Para o autor, “essa utilidade pode consistir seja em um ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (p. 200, 1994). Contudo, Benjamin se refere a como a narrativa está em um gradual processo de desaparecimento. Dentre os fatores que contribuem para essa morte da narrativa, o autor cita a informação como um ponto principal, visto que tem um teor imediatista. Assim, “ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele” (p. 204, 1994).

Para pensar esses formatos nos dias de hoje, é preciso primeiramente compreender que estamos em uma realidade mediada por informações, em um fluxo constante de notícias em diferentes veículos, mídias e plataformas. A informação se mantém como matéria prima e no papel central para a construção de uma realidade comum, que é o mundo – que contém histórias. Para Sodré (2009), o jornalismo, como forma narrativa, baseia-se em múltiplos relatos sobre o cotidiano, e o ato de narrar pode ser entendido como o contar histórias, sendo a narrativa o modo de organizá-las. Esse jornalismo de cunho narrativo, segundo Martinez (p.72, 2019), “presta muito mais atenção, do que o

jornalismo tradicional, ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações”. Busca apresentar o personagem e a situação de modo que seja possível construir a imagem de cada particularidade narrada.

Para Tuchman (1976), os enquadramentos noticiosos oferecem definições da realidade e a partir disso contam histórias. Não há demérito na narrativa e este modelo não torna a notícia menos verdadeira. Bird e Dardenne (1993) também defendem que encarar as notícias como narrativas não nega sua qualidade de representar a realidade exterior. Para Tuchman (1976) e Bird e Dardenne (1993), é possível ordenar a desordem, em que o saber se transforma em contar.

Sobre a reportagem, Sodré e Ferrari (1986) destacam que esse é um gênero jornalístico privilegiado, pois “se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa” (p. 9, 1986). Entretanto, apesar desse texto jornalístico utilizar-se de técnicas narrativas provenientes da literatura, os autores compreendem que a reportagem tem compromisso com a objetividade informativa. Assim, se dá o aprofundamento daquilo que é narrado, pois a narrativa jornalística está atenta às especificidades do fato, o que por conseguinte acaba aproximando o público da história, convidando-o a imaginar e refletir sobre ela.

A narrativa jornalística humaniza a personagem quando fornece perspectiva biográfica, complexidade psicológica e contexto social ao que na cobertura cotidiana figura apenas como número ou estatística ou ainda reduzido a uma única face de personalidade que serve ao acontecimento noticiado. Nisso, a narrativa jornalística pode contribuir para a humanização também do leitor ao despertar nele características que Antonio Candido (2004 b, p. 180) considera essenciais aos indivíduos, como “a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida.” (SERELLE, 2020, p. 45).

“Os principais objetivos da narração são conectar os diferentes elementos que compõem um enredo; descrever pessoas e lugares; e apresentar fatos e informações - como hora, local, nome e atribuição dos entrevistados” (BARBOSA, p. 35, 2015). As narrativas podem assumir novos espaços e, a partir dessa convergência, expandir potencialidades elaborando outros formatos. Os *podcasts* são exemplos disso. Eles têm ganhado mais espaço no jornalismo explorando vários aspectos para contar histórias e promover a discussão de assuntos. Como pontuam Herschmann e Kischinhevsky (p.102,

2008), “o *podcasting* desperta especial interesse, [...] e vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica”.

2. Surgimento e ascensão do *podcast*

O *podcast* tem a sua denominação originada na derivação e junção de partes de duas palavras da língua inglesa: *Ipod* tipo de reproduzidor de áudio da *Apple*, e também da palavra *broadcast*, que significa transmissão. O *podcast* é um formato de programa de áudio feito a partir de uma demanda, no qual os arquivos de áudios são disponibilizados tanto de maneira *online*, quanto para *downloads*. Característica essa que o distingue do rádio por conta da vinculação em tempo real. Além de ter um nicho específico de alcance, fronteira essa que foi quebrada, já que “no *podcasting*, diferentemente da radiodifusão convencional, a recepção é assíncrona, cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo assinado.” (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 103).

Essa maneira de pensar e fazer o programa, segundo Barbosa (2015), se deu pela necessidade de produzir uma resposta com maior aprofundamento das temáticas, com recursos variados como entrevistas com especialistas da área, efeitos sonoros e narração, fatores que dinamizam a produção. Esses aspectos foram percebidos pela BBC - British Broadcasting Corporation (BARBOSA, 2015). O conteúdo, a experiência auditiva, a facilidade de acesso do *podcast* são algumas das razões que levaram à adesão. Diferentemente do rádio, em que a propagação da mensagem é mais efêmera, no *podcast*, o público é quem procura pelo assunto desejado. Assim, “[...] eles [*podcasts*] vêm se tornando uma opção de informação e entretenimento para uma nova geração, conquistando cada vez mais seguidores” (BARBOSA, 2015, p. 17).

O ano de 2014 foi considerado a Era de Ouro dos *podcasts*, principalmente por conta da criatividade e audiência, ocasionada pelo lançamento do *podcast Serial*. “Esse acontecimento, aliado a outros fatores que recentemente vinham impulsionando a mídia, levou muitos especialistas a declarar este momento “a era de ouro” ou “o grande ressurgimento” dos *podcasts*” (BARBOSA, 2015, p.18). *Serial* foi veiculado em plataformas de áudio, e recebeu este título por conta do aumento do número de ouvintes que começaram a acompanhar o programa, pois contava a história do assassinato de uma jovem que ocorreu no ano de 1999. Para garantir que as pessoas ouvissem ao *podcast*, o

acontecimento foi dividido em episódios, formato esse que simula a narrativa de uma novela que é vinculada com uma certa periodicidade.

Segundo Herschmann e Kischinhevsky (2008), a ascensão do *podcasting* jornalístico se dá como efeito de uma função que a plataforma possui. Essa convergência aconteceu pela urgência de adaptação aos novos meios. Os propósitos de trazer as informações de maneira dinâmica, são de garantir a fidelização do receptor, que vai atrás do tópico que o interessa, e entender a função social dos *podcasts* “parecem constituir importante ferramenta de democratização do acesso à informação e ao discurso, embora não ofereçam garantias de que os conteúdos veiculados de fato atingirão os públicos visados” (HERSCHMANN E KISCHINHEVSKY 2008, p.104).

3. Formatos e estruturas dos *podcasts*

O *podcast* possibilita diversos formatos e estruturas. Basta que os realizadores tenham familiaridade com o assunto que escolheram abordar. Por ser uma forma de produção de conteúdo de baixo custo, “o *podcast* tanto pode ser produzido por uma única pessoa com um microfone em mãos, quanto por grandes corporações que o incluem em seu rol de produtos midiáticos” (FALCÃO, 2019, p.4). Em decorrência disso existem muitos tipos de formatos e estruturas, tanto em roteiro, formas narrativas e edição desses programas. O recorte deste artigo é referente a *podcasts* seriados de cunho jornalístico.

A serialização, segundo Arlindo Machado (2000), é um recurso que permite fragmentar uma narrativa em episódios. É usado como uma forma de engajar o público, pois a cada episódio pode ter ganchos que capturem a atenção e levem o público a esperar pelo que vem pela frente. Artificio utilizado na TV e no rádio, Lopez e Alves (2019) citam três tipos de serialização possíveis nos *podcasts*: capítulos, episódios seriados e episódios unitários. Os *podcasts* jornalísticos possuem estrutura semelhante ao do radiojornalismo, em alguns casos possuindo um lançamento diário, com resumo das notícias diárias. “O *podcast* enquanto jornalismo ganha força ao ser incorporado à programação de grandes jornais como O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Ambos incluíram, em 2017 e 2018, em seus portais online, espaços dedicados exclusivamente a *podcasts* diários.” (FALCÃO, 2019, p.4)

Um exemplo de *podcast* diário veiculado pela grande mídia é o *Café da Manhã*, postado de segunda a sexta-feira, às cinco da manhã, pela Folha de São Paulo, em parceria

com o *streaming* de música *Spotify*. Em episódios com cerca de 20 a 30 minutos, trata de notícias factuais e seus desdobramentos, ouvindo também outros jornalistas da Folha de São Paulo envolvidos na cobertura dos mesmos assuntos. Outro *podcast* jornalístico é o *Mamilos*, produzido pela B9 Company, uma mídia independente e focada na produção de *podcasts* de diversos formatos. O *Mamilos* possui episódios com em média uma hora de duração, publicados às sextas-feiras, em diversas plataformas digitais, em formato de mesa redonda, com participação de especialistas em temas de relevância nacional e internacional e outros com publicação contínua, com propósitos semelhantes.

[...]documentário - ou especial, ou grande reportagem, ou não-ficção de longo formato - produzido em áudio utiliza uma linguagem própria, com uma série de recursos em sua composição. Via radiodifusão ou *podcasting*, o objetivo é capturar e manter a atenção do público. Diferentemente da maior parte da programação do rádio e mesmo outros tipos de *podcasts*, essas produções têm espaço para maior profundidade na abordagem dos assuntos e, muitas vezes, o fazem com uma montagem de certo nível de complexidade e sofisticação. (BARBOSA, 2015. p.27)

Segundo Barbosa, os recursos narrativos para contar uma história, por meio do *podcast*, podem ser os de narração, entrevistas, sons e música.

a) Narração – o *podcast* seriado pode ser narrado pelo próprio apresentador do programa, a fim de conduzir o fio da história para o ouvinte e “[...]conectar os diferentes elementos que compõem de um enredo; descrever pessoas e lugares; e apresentar fatos e informações como hora, local, nome e atribuição dos entrevistados.”(BARBOSA, 2015. p.35).

b) Entrevistas – é uma técnica básica, utilizada para a obtenção de informação, tendo a função de “criar imagens na mente do ouvinte, de modo que ele possa visualizar o que está acontecendo; contar a história, ajudando na compreensão de seu desenvolvimento” (BARBOSA, 2015. p.29)

c) Sons e Música – utilizados como ferramenta de ambientação, construída no momento da edição dos episódios, a fim de pontuar momentos, ou servindo como vírgulas sonoras, que pontuam a narrativa ou criam respiros entre trechos. As vírgulas sonoras podem ser músicas ou sons ambientes.

4. O *podcast* *A Mulher da Casa Abandonada* - uma análise

O *podcast A Mulher da Casa Abandonada* segue um formato diverso em relação a outros conteúdos que possuem um padrão predominantemente factual neste veículo. Algo que pontua essas diferenças é o fato de que esse *podcast* é o primeiro do *site* no formato de grande reportagem investigativa e com um texto que valoriza a narrativa, conforme as características apontadas por Sodré (2009), discutidas anteriormente. Ainda que dividida em sete episódios, a reportagem tem início, meio e fim bem delimitados, e apresenta aos ouvintes como Margarida Bonetti, a personagem central da história, manteve uma mulher como escrava, conseguiu fugir do FBI e vive hoje no Brasil.

O *podcast* está distribuído em diferentes plataformas digitais, como Spotify, Deezer, YouTube e Apple Podcasts. No entanto, um aspecto que novamente diferencia *A Mulher da Casa Abandonada* de outros do veículo é que ele também está disponível no *site* da Folha de S. Paulo, não apenas em áudio, mas em texto.

A Mulher da Casa Abandonada atingiu altos níveis de audiência nas plataformas de áudio, chegando ao topo do *ranking* dos mais ouvidos do Brasil no Spotify (FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de jul. 2022). Segundo dados da Triton (2022), logo após o lançamento, a série já somava mais de 7 milhões de *downloads*. Também foi relatado o aumento de acessos ao *site*, de pessoas interessadas em informações sobre o *podcast*. O Google Trends registrou como um dos assuntos mais procurados pelos usuários durante o lançamento.

A nossa pesquisa segue o percurso metodológico de análise proposto por Lopez e Alves (2019). Esses autores compreendem que os *podcasts* necessitam de táticas de produção que evidenciem a complexidade dos acontecimentos, “construindo movimentos interativos que nos permitam um olhar mais adequado ao estudo e ao objeto em questão” (2019, p.8). Assim, a análise se atém a três eixos: a) caráter narrativo seriado; b) o caráter jornalístico; c) a composição acústica. Nesta análise, é preciso rever a história, seu argumento, personagens, sentimentos centrais gerados e caracterização sequencial que a institui como série.

4.1 Caráter narrativo seriado do *podcast*

A narrativa busca reter o público utilizando-se de “ideias e experiências, conduzindo por meio do som a construção de imagens na mente do ouvinte, que acaba por ser um participante ativo” (BARBOSA, p. 29, 2015). Assim, confirma-se que a

narrativa e a serialização no *podcast* são ferramentas complementares, que ajudam no desenvolvimento fluido, descritivo-informativo e cativante do conteúdo jornalístico. Em *A Mulher da Casa Abandonada*, esses pontos são valorizados. Além disso, a narrativa mostra como acontece a apuração e como foi feita a reportagem. Seguindo o repórter, é possível acompanhar como se deu a busca por fontes e como elas estão presentes no decorrer da apuração. O *podcast* trouxe à tona um assunto de interesse público, que tem sido pautado pelas mídias. Pelo modo como foi contado, se tornou muito comentado.

Os episódios têm cerca de 40 a 50 minutos e cativam o público pela profundidade. Isso pôde ser percebido desde o primeiro episódio em que o jornalista Chico Felitti apresenta a história a ser contada na reportagem. Logo de início, é descrito o bairro de Higienópolis, no qual fica localizada a casa de Margarida Bonetti, onde se passa a maior parte da história. O bairro é representado da seguinte maneira:

O bairro é um dos mais ricos da cidade. Um amigo escritor definiu Higienópolis como um pedaço da Suécia transplantado para o centro de São Paulo. São quarteirões tingidos de verde por árvores que são exceção em uma cidade cinza. Uma sensação de segurança paira no ar. Higienópolis é um dos poucos bairros em que um assalto ainda vira notícia de jornal. (A MULHER DA CASA ABANDONADA, 2022)

A partir disso, a história já começa a ganhar forma e um direcionamento, pois o leitor passa a ter uma imagem formada do lugar e a refletir sobre as relações e pessoas que frequentam o local. Essas informações são reforçadas ao longo dos episódios, pois sempre é lembrado que esse é um bairro rico e da elite paulistana. Reforçar essa imagem é importante para manter vivo o cenário em que se passa a reportagem e para que, no decorrer da série, as informações mantenham a coerência descritiva. A casa abandonada também é descrita com detalhes e de modo a que o ouvinte perceba a contradição de “uma mansão em pandarecos” estar situada em um dos bairros mais ricos de São Paulo.

A mesma coisa acontece com a personagem principal da história, Margarida Bonetti. No primeiro episódio, a personagem é detalhada desde a aparência e do modo como se veste até a forma como se expressa e conversa com as pessoas ao seu redor. Dentre as várias características descritas, uma é marcante e repetida nos episódios subsequentes como algo que faz parte da identificação da personagem na reportagem. Margarida Bonetti sempre está com uma grossa camada de creme branco sobre o rosto. As descrições detalhadas formam a imagem da personagem e fazem com que se entenda

diferentes aspectos da vida da mulher. A narrativa se estende em torno dessas primeiras impressões que vão estruturar a personalidade de Margarida.

Outro fator que aumenta a sensação de proximidade do público e incentiva a acompanhar os episódios seguintes é o modo como o jornalista escolheu narrar a história. Cada episódio acompanha a jornada de Chico Felitti descobrindo informações, em busca da verdade por trás da história da mulher da casa abandonada. O público é inserido na narrativa como alguém que também faz parte do que está acontecendo, pois a partir da ambientação criada é como se realmente ele estivesse dentro da trama, acompanhando cada cena, cada acontecimento. Esse modo de narrar colabora com os ganchos estratégicos ao final de cada episódio, pois aproveita dessa imersão e da sensação causada no ouvinte para encerrar em um ponto chave da história e estimular a curiosidade para o próximo episódio. Ao fim de cada episódio, há *flashes* de cenas que virão.

Nos episódios três e quatro, o jornalista está nos Estados Unidos, na cidade de Gaithersburg, onde Margarida Bonetti foi acusada de manter uma mulher em condições análogas à escravidão. O narrador ambienta e descreve o lugar e personagens para o ouvinte, sempre contextualizando. Desse modo, é possível mais uma vez conduzir o ouvinte a conhecer e refletir sobre a situação, não apenas pelo fato puro e objetivo, mas por aquilo que o rodeia, que está à sua volta.

O sétimo e último episódio possui uma estrutura diferente dos demais. Porque Felitti finalmente faz uma entrevista com Bonetti conseguindo, assim, conforme seu intuito, “ouvir todos os lados da história.” O episódio é uma entrevista ping-pong.

4.2 Caráter jornalístico do *podcast*

O *podcast A Mulher da Casa Abandonada*, assim como matérias e textos jornalísticos, aprofundam as questões tratadas, graças às apurações, aos documentos, às fontes oficiais e às investigações. Esta composição, conforme Falcão e Temer (2019, p. 6), “[...] está profundamente atrelada ao modo de vida e às necessidades das pessoas e é uma forte marca que difere o jornalismo de outras publicações como boletins, cartilhas e circulares.” O que se apurou deste caso, que envolve trabalho análogo à escravidão, responde às perguntas de interesse público, que tem pautado as grandes mídias. A cada episódio, além de acompanharmos o passo a passo do repórter contando a história do

crime cometido por Margarida Bonetti, vão sendo construídas pontes para a discussão sobre a importância e a necessidade de reflexão sobre o tema central do *podcast*.

No episódio cinco, chamado de *Outras tantas mulheres*, fica mais evidente a razão pela qual se deve discutir sobre trabalho análogo à escravidão. Felitti mostra como esses casos são recorrentes na sociedade. São muitos os casos de mulheres exploradas. Com Madalena, foi assim:

Se você viu a reportagem ou as outras matérias que saíram sobre o assunto, vai se lembrar de que Madalena não viveu a vida inteira no apartamento de onde foi resgatada em Patos de Minas. E que Dalton e Valdirene não foram os primeiros a reduzi-la a situação de trabalho análogo ao de escravo. Tudo começou quando Madalena tinha oito anos e, perdida de fome, bateu na porta da casa de uma mulher em São Miguel do Anta para pedir um pedaço de pão. Essa mulher era a mãe de Dalton. Maria das Graças Milagres Rigueira, uma professora. Em vez de apenas dar comida para Madalena menina, Maria das Graças, que era branca, se ofereceu para adotá-la. E a intenção não era altruísta, de compaixão. Na verdade, não tinha nada de caridoso naquela atitude. (A MULHER DA CASA ABANDONADA, 2022)

A história de Madalena, em 2020, teve uma grande repercussão, a cada episódio disponibilizado, e o assunto pautou a agenda noticiosa. “O fato de estar no centro da atenção da mídia oferece oportunidades significativas para [...] definir a agenda dos veículos de comunicação” (MCCOMBS, 2009, p. 155) e configurando também o chamado agendamento intermídia. Isto acontece quando um veículo consegue pautar um tema que ganha repercussão para além do público, fazendo a agenda também de outros veículos, como foi o caso do *podcast A Mulher da Casa Abandonada*. A vida de Margarida Bonetti passou a ser pauta de outros veículos.

Além disso, o *podcast* não se limitou a contar sobre a vida dos envolvidos. Teve teor formativo, com explicações sobre o que é, de que forma acontece e como denunciar o trabalho análogo à escravidão. Afinal, a função do jornalismo é a de formar, informar e contribuir inclusive com os avanços sociais.

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte das suas empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que fornecem uma manta de legitimidade ao negócio. (TRAQUINA, 2005, p. 207 - 208)

Segundo uma reportagem publicada no *site* da Folha pela jornalista Bettoni (2022), o *podcast* cumpriu a função social nas informações, pois as denúncias com relação

ao trabalho análogo à escravidão obtiveram um crescimento de 123% desde a vinculação do primeiro episódio nas plataformas de *streaming*.

Para Lindergreen, os seguintes detalhes são fundamentais:

O documentário investigativo, baseado em reportagem, pode exigir outro conhecimento dos eventos, contemporâneo ou histórico, nomes de muitas pessoas, entendimento de processos legais, e julgamento sobre relatos de eventos ou evidências conflitantes. Quando há uma grande quantidade de material detalhado de fundo assim para absorver, lembre: relacione e faça sentido disso de forma condensada. (LINDERGREEN apud BARBOSA, p. 36, 2015)

O modo como a história foi contada desvenda a apuração jornalística e mostra de que maneira foi feita uma reportagem como essa. Foi possível acompanhar como se deu a procura pelas fontes. O jornalista diz que conversou com centenas de pessoas moradoras de Higienópolis para entender como Margarida era conhecida pelos vizinhos. A cada episódio, além de o repórter contar a história do crime, foram sendo delineadas a importância e a necessidade da discussão sobre escravidão, que demorou tanto tempo para ser extinta oficialmente no Brasil.

4.3 Composição acústica do *podcast*

A composição acústica do *podcast* serializado é a “espinha dorsal da produção que pode ser expandida, mas que conta a história-mãe, que reforça o vínculo emocional com a audiência, que recria cenários e personifica sujeitos e relações.”(LOPEZ, ALVEZ, p. 09, 2019). Sendo assim, é parte importante na montagem do produto final, para o consumo do ouvinte. Recursos como vinhetas, trilhas sonoras de fundo e inserção de entrevistas, apresentando vozes verdadeiras dos entrevistados, favorecem a uma fidelidade na ambientação, contribuindo com a narrativa, capturando e mantendo a audiência atenta, como se praticava no rádio. Na produção *A Mulher da Casa Abandonada*, é possível notar o uso dessas técnicas.

Desde o episódio de estreia da série, o ouvinte é apresentado à voz do jornalista Chico Felitti, que narra toda a reportagem, ao som de uma trilha feita com um instrumento de sopro. Essa trilha está presente em todos os episódios e é uma vírgula sonora, ou vinheta de transição, que é utilizada para pontuar os blocos dos episódios e criar um vínculo entre o produto e a audiência, como algo insistente que faz com que se associe o som repetido à trama, como se fosse um refrão. Também são utilizadas várias inserções

de áudio retirados de outras fontes, sejam elas trechos de programas televisivos ou áudios originais captados por Felitti nos momentos da entrevista. Um exemplo é o trecho de uma entrevista de Jô Soares com Adriane Galisteu, em que o apresentador conta a experiência de ter a também apresentadora como vizinha de prédio em Higienópolis. Essa inserção é utilizada para ilustrar a fala do narrador no primeiro episódio.

Outro recurso sonoro utilizado do primeiro ao último episódio, são os áudios originais das entrevistas feitas por Felitti, ao longo da produção do *podcast*, presencialmente ou através do telefone. Esse recurso contribui para a aproximação com o real e com a certeza da veracidade do que está sendo apurado. Apenas no momento em que Chico Felitti vai para os Estados Unidos e conversa com nativos, no terceiro episódio, é que entra a voz da atriz e dramaturga Renata Carvalho interpretando em português as entrevistas feitas em inglês com Vic Schneider, a pessoa que denunciou o caso ao FBI. A voz da americana está presente, mas em um volume mais baixo, para dar lugar a voz da atriz brasileira em *sobesom*. Além disso, um recurso que também é utilizado a partir deste episódio, é a narração da jornalista Magê Flores, inserida toda vez que é lida uma transcrição de conteúdo oficial, documentos, depoimentos do FBI ou entrevistas.

No quinto episódio do *podcast*, existe uma pausa no caso central da série, para mostrar outras situações de mulheres que sofreram com um regime de trabalho análogo à escravidão no Brasil. Mesmo com a mudança de foco da história principal, os aspectos de composição acústica permanecem os mesmos dos outros episódios, com a narração de Chico Felitti, entrevistas e inserções de trechos de programas televisivos ilustrando os casos. Além da participação da jornalista e produtora Beatriz Trevisan, que entrevistou alguns personagens para o episódio.

O padrão na edição deste *podcast* seriado é importante para manter a expectativa do público que se acostuma aos sons e à forma que essa composição acústica é apresentada e repetida ao longo dos episódios. O ouvinte já sabe que no momento em que o narrador cita uma fonte, essa fonte será inserida nos formatos já apresentados. Isso desperta confiança no conteúdo que está sendo transmitido.

Conclusão

A Mulher da Casa Abandonada é parte da comunicação de convergência como descrita por Jenkins (2009), não apenas pela ancoragem na internet, mas por ser

multimídia e estar em diferentes plataformas. Esses aspectos podem ter contribuído para a rápida popularização desse *podcast*, cujo acesso é feito a partir da plataforma que se prefira usar.

A produção é jornalística e ilustra a composição de um *podcast*, que, neste momento, vem sendo utilizado com intensidade. Essa condição do programa exemplifica como os *podcasts* dispõem de potencial narrativo. Por meio das possibilidades de ancoragem, formatos e temas que pode assumir, o *podcast* revela-se e consolida-se como mais uma forma de produzir informação. Com ele, ganha-se esse espaço onde é possível “não só reviver e dar novo sentido à produção jornalística e às recordações do seu público, mas também elaborar métodos narrativos originais, oriundos de plataformas transmultimídias, destinadas à conquista do ouvinte” (FERNANDES e MUSSE, 2017, p. 12). A partir da análise do *podcast*, percebe-se como é possível valorizar o modo como a história é contada não só focando em passar informação, mas também criando uma expectativa mais trabalhada que inclui a composição descritiva de lugares, personagens e sentimentos, com a mesma motivação do jornalismo, de aproximar a audiência da história.

Referências bibliográficas

- A MULHER DA CASA ABANDONADA: a mulher. Chico Felitti: Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/0iN4QhgECEXRZkuxDSPATf?go=1&sp_cid=161932b5bb934fd9371b778833d036b0&utm_source=embed_player_p&utm_medium=desktop&nd=1. Acesso em: 26/09/2022.
- BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**. 2015. 71 f. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTONI, Natalie. **Denúncias de trabalho escravo doméstico duplicam após lançamento de A Mulher da Casa Abandonada**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/denuncias-de-trabalho-escravo-domestico-duplicam-apos-lancamento-de-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>. Acesso em: 13/10/2022.
- FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O podcast como gênero jornalístico**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2019. p. 1-14. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 13/10/2022.

FERNANDES, Laís Cerqueira; MUSSE, Christina Ferraz. **O potencial da narrativa transmídia em podcasts: contando histórias na era da convergência.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Joinville - SC, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1651-1.pdf>. Acesso: 02/08/2022.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento.** Revista FAMECOS, Porto Alegre - RS, v. 15, n. 37, dezembro, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso: 02/08/2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. **Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém - PA, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf>. Acesso em: 03/08/2022.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: Notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** Rio de Janeiro: Summus, 1986.

PODCAST A Mulher da Casa Abandonada lidera rankings e acumula milhões de downloads. Folha de São Paulo. São Paulo. 19 de jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml>. Acesso em: 26/09/2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2005.